

AZINHAL ABELHO



**ELOGIO
da
Província**

1959

Candeia que vai à frente...

... **L**UMINA duas vezes.
Esta resposta do refraneiro popular conclui-nos que a candeia é tão natural e imprescindível na vida rural que parece coisa perene, fazendo parte dos acessórios domésticos mais chegados.

De facto, a candeia é o nosso Sol da meia-noite. Sem ela, o que seria dos serões de família, do velatório dos doentes, da devoção das almas?

Mal se põe o Sol, entrando as trevas nas aras do lar, com um tição extraído da cinza, pega-se fogo à torcida embebida em borras de azeite e toda a escuridão se desvanece, como por encanto. A chama «é tamanha duma abelha e enche a casa até à telha». O pessoal benze-se e murmura baixinho, enquanto as trindades, no sino grande da aldeia, vão soando nas badaladas a compasso, uma por uma.

*Que a Santíssima Trindade
Sempre acompanhe os meus passos
E me estenda amigos braços
Na horas da infelicidade.*

*Que eu passe toda a existência
A praticar sempre o bem
E a Santíssima Trindade
Me guie na treva. Amém.*

Cheia de graça, a chama tremula numa subida para os altos espaços, deitando um rasto de fumo leve e perfumado.

A luz da candeia!

A casa do cavador fica perdida, entre covas e outeiros. A estrada está longe e só uma vereda conhece aquele caminho. Nas noites de breu, quando no céu só brilham as estrelas, vêm golpes de luminária fulgente pelas frinchas da porta de madeira tosca. A mãe, que está sentada, e entretida com afazeres, embala o berço com o filho mais novo, enquanto o pai remenda o calçado e a avó, quase centenária, vai fiando a sua meada e contando aos outros netos as lendas e rimances que a sua sabedoria retém.

— Era uma vez um rei e uma rainha que eram pais de uma menina que levava a vida a chorar. Porque chorava a princesa?

É o conto seguia nas maravilhas das frases. Doutra vez eram as adivinhas que espevitavam a imaginação dos catraios.

Dois pés na cama

'E dois na lama

E dois parafusos

'E um que lhe abana.

— É a vaca — exclamam ao mesmo tempo.

Cá fora regougam as raposas e piam os mochos e corujas nos galhos do arvoredado.

E a candeia não se apaga. Se há aflição, leva-se

para o oratório, alumando os registos e bentinhos, entre imagens do Pai do Céu e da Virgem Santa.

Vai alta a noite e tudo se encaminha para o leito. As sombras que se projectam nas paredes dançam, conforme o baloiçar da candeia que se leva pelo gancho, com destino a ser pendurada à cabeceira do leito. Mal se dá o sopro, todos murmuram em coro:

*Ó Anjo da minha guarda,
Minha doce companhia,
Me guarde por esta noite
E amanhã por todo o dia.*

Tudo descansa em sonolência profunda, durante as horas em que nem os cães ladram. Mal canta o primeiro galo, é a mãe que desperta, com o ouvido à escuta, dando um abanão no seu homem e exclamando:

— É madrugada.

A primeira coisa que se acende será a candeia. Bela e doce companheira da família rural, fiel e presente em todos os actos da existência.

— Quando morreu?!

— Ao acender das candeias.

A hora era a do lusco-fusco. A candeia acendeu-se àquela alma, acompanhando-a para subir à eternidade. Não se apaga até à consumação do azeite, que se transforma em óleo-bento. A chama morre por si, ficando como flama perpétua.

Bendita luz que nos alumia.

Ínfima e débil, possui a fortaleza das coisas sim-

ples e puras. Faz falta ao homem e desde os tempos imemoriais que toma parte nos usos e costumes da gente portuguesa. Ao princípio, era a luzerna de barro dos romanos. Passa pelos artífices mercantis dos árabes e entra nos castros e conventos com bicos de ferro forjado de que ainda há remotas espécies nos lagares primitivos. Depois fez-se em latão batido e passa aos solares do tempo de D. João V e do Marquês de Pombal. As formas do imaginário entram no arrebique elegante, formando exemplares suspensos dum pé tornejado que se abre em lira ou em círculo, deixando que o depósito do azeite tenha três bicos que se tornam clássicos.

*A candeia tem três bicos
E a tripeça tem três pés...*

A candeia rústica não passa do mesmo recorte. É sempre um depósito redondo que dá o recipiente, esmagado de um lado que forma o luzeiro. Um braço sustenta esse depósito onde assentam dois reflectores e mais um gancho que serve para a sua fixação. Os reflectores são em forma de estrela, corações, luas e meias-luas.

Rústica candeia de azeite! Até entras nas trovas de cantar e bailar, como motivo de enleios.

*Como pode uma candeia
Dar luz pela casa toda?
Ó meu amor de algum dia
Inda há-de ir à minha boda.*

*Candeia que não dá luz
Não se espeta na parede;
O amor que não é firme
Não se faz mais caso dele.*

*À luz daquela candeia
Se fez o meu casamento;
Ó candeia não te apagues
Que hás-de vir a juramento.*

*Dei um nó na fita verde,
Desatei-o à candeia;
Quem vê seu amor à noite
Não pode ter melhor ceia.*

Senhora das Candeias nos valha. No dia 2 de Fevereiro é a festa da sua invocação. E quando a Candeia chora (chove) está o Inverno fora; quando a Candeia está a rir (faz sol) está o Inverno para vir.

Este ano, as Candeias riram e o Inverno foi rigoroso.

Bruxuleia na capela o lampadário ao Santíssimo Sacramento. É a candeia de azeite que faz voto perene da nossa presença. Dia e noite, noite e dia é a flama viva que substitui o homem na sua reverência ao Altíssimo. O fogo no seu consumir é a encarnação divina. Arde e alumia.

Terá a candeia os seus dias contados?

Uma força que os homens conheceram leva de vencida os novos métodos de iluminação até aos mais recônditos e afastados lugares. A irmã electricidade vai

difundir-se, segundo se apregoa, por toda a terra de Portugal. A água, captada em grandes proporções, fará romper as trevas através das lâmpadas multiformes.

Ao fim é a natural força de tudo o que é natural ainda.

E o fogo se fez luz!

E a água se fez luz!

E a luz é feita pela divina graça. Ficarà a candeia como doce lembrança bucólica duma noite rústica e patriarcal onde o homem e Deus se uniam por meio duma luminária que ardia, votivamente em prece, tamanha duma abelha que enchia a casa até à telha.